

2025

CAMINHOS PARA

AS VIVÊNCIAS NO SUS



VIVÊNCIAS
no SUS

Programa Nacional de Vivências
no Sistema Único de Saúde

editora



redeunida



A **Editora Rede UNIDA** oferece um acervo digital para **acesso aberto** com mais de 300 obras. São publicações relevantes para a educação e o trabalho na saúde. Tem autores clássicos e novos, com acesso **gratuito** às publicações. Os custos de manutenção são cobertos solidariamente por parceiros e doações.

Para a sustentabilidade da **Editora Rede UNIDA**, precisamos de doações. Ajude a manter a Editora! Participe da campanha «e-livro, e-livre», de financiamento colaborativo.

Acesse a página
<https://editora.redeunida.org.br/quero-apoiar/>
e faça sua doação

Com sua colaboração, seguiremos compartilhando conhecimento e lançando novos autores e autoras, para o fortalecimento da educação e do trabalho no SUS, e para a defesa das vidas de todos e todas.

Acesse a Biblioteca Digital da Editora Rede UNIDA
<https://editora.redeunida.org.br/>

E lembre-se: compartilhe os links das publicações, não os arquivos. Atualizamos o acervo com versões corrigidas e atualizadas e nosso contador de acessos é o marcador da avaliação do impacto da Editora. Ajude a divulgar essa ideia.

editora.redeunida.org.br





CAMINHOS PARA AS VIVÊNCIAS NO SUS

2025

Coordenador Geral da Associação Rede UNIDA

Alcindo Antônio Ferla

Coordenação Editorial

Editor-Chefe: **Alcindo Antônio Ferla e Héider Aurélio Pinto**

Editores Associados: **Carlos Alberto Severo Garcia Júnior, Denise Bueno, Diéssica Roggia Piexak, Fabiana Mânica Martins, Frederico Viana Machado, Jacks Soratto, João Batista de Oliveira Junior, Júlio César Schweickardt, Károl Veiga Cabral, Márcia Fernanda Mello Mendes, Márcio Mariath Belloc, Maria das Graças Alves Pereira, Michelle Kuntz Durand, Quelen Tanize Alves da Silva, Ricardo Burg Ceccim, Roger Flores Cecon, Stela Nazareth Meneghel, Stephany Yolanda Ril, Suliane Motta do Nascimento, Vanessa Iribarrem Avena Miranda, Virgínia de Menezes Portes**

Conselho Editorial

Adriane Pires Batiston (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil);
Alcindo Antônio Ferla (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil);
Ángel Martínez-Hernández (Universitat Rovira i Virgili, Espanha);
Angelo Stefanini (Università di Bologna, Itália);
Ardigó Martino (Università di Bologna, Itália);
Berta Paz Lorido (Universitat de les Illes Balears, Espanha);
Celia Beatriz Iriart (University of New Mexico, Estados Unidos da América);
Denise Bueno (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil);
Emerson Elias Merhy (Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil);
Érica Rosalba Mallmann Duarte (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil);
Francisca Valda Silva de Oliveira (Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil);
Héider Aurélio Pinto (Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Brasil);
Izabella Barison Matos (Universidade Federal da Fronteira Sul, Brasil);
Jacks Soratto (Universidade do Extremo Sul Catarinense);
João Henrique Lara do Amaral (Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil);
Júlio Cesar Schweickardt (Fundação Oswaldo Cruz/Amazonas, Brasil);
Laura Camargo Macruz Feuerwerker (Universidade de São Paulo, Brasil);
Leonardo Federico (Universidad Nacional de Lanús, Argentina);
Lisiane Bôer Possa (Universidade Federal de Santa Maria, Brasil);
Luciano Bezerra Gomes (Universidade Federal da Paraíba, Brasil);
Mara Lisiane dos Santos (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil);
Márcia Regina Cardoso Torres (Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro, Brasil);
Marco Akerman (Universidade de São Paulo, Brasil);
Maria Augusta Nicoli (Agenzia Sanitaria e Sociale Regionale dell'Emilia-Romagna, Itália);
Maria das Graças Alves Pereira (Instituto Federal do Acre, Brasil);
Maria Luiza Jaeger (Associação Brasileira da Rede UNIDA, Brasil);
Maria Rocineide Ferreira da Silva (Universidade Estadual do Ceará, Brasil);
Paulo de Tarso Ribeiro de Oliveira (Universidade Federal do Pará, Brasil);
Priscilla Viégas Barreto de Oliveira (Universidade Federal de Pernambuco);
Quelen Tanize Alves da Silva (Grupo Hospitalar Conceição, Brasil);
Ricardo Burg Ceccim (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil);
Rossana Staevie Baduy (Universidade Estadual de Londrina, Brasil);
Sara Donetto (King's College London, Inglaterra);
Sueli Terezinha Goi Barrios (Associação Rede Unida, Brasil);
Túlio Batista Franco (Universidade Federal Fluminense, Brasil);
Vanderlécia Laodete Pulga (Universidade Federal da Fronteira Sul, Brasil);
Vanessa Iribarrem Avena Miranda (Universidade do Extremo Sul Catarinense/Brasil);
Vera Lucia Kodjaoglanian (Laboratório de Inovação Tecnológica em Saúde/LAIS/UFRN, Brasil);
Vincenza Pellegrini (Università di Parma, Itália).

Comissão Executiva Editorial

Alana Santos de Souza

Jaqueline Miotto Guarnieri

Camila Fontana Roman

Carolina Araújo Londero

Capa | Projeto Gráfico | Diagramação

Lucia Pouchain

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

C183

Caminhos para as vivências no SUS: Vivências e Estágios na Realidade do SUS (VER-SUS Brasil) e Programa Nacional de Vivências no Sistema Único de Saúde (Vivências no SUS) / Alcindo Antônio Ferla ... [et al.] – 1. ed. -- Porto Alegre, RS: Editora Rede Unida, 2025.

25 p. (Série Conhecimento em Movimento, v. 13).

E-book: 1.90 Mb; PDF

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-65-5462-200-4

DOI: 10.18310/9786554622004

1. Atitudes e Prática em Saúde. 2. Educação Permanente em Saúde. 3. Educação Popular em Saúde. I. Lisboa, Alisson Sampaio. II. Lima, Andreia Lopes Ferreira de. III. Roman, Camila Fontana. IV. Ferreira, Camila Tenório. V. Londero, Carolina Araujo. VI. Silva, Carolina Veras Pessoa da. VII. Fernandes, Daniel da Silva. VIII. Bastos, Daniel Schneider. IX. Passos, Débora Moura. X. Coelho, Elenise da Silva. XI. Cordeiro, Emille Sampaio. XII. Guarnieri, Jaqueline Miotto. XIII. Oliveira Junior, João Batista de. XIV. De Toni, João Pedro Milani. XV. Costa, Laila Talita da Conceição. XVI. Costa, Ralfé Viana. XVII. Portes, Virgínia de Menezes.

CDU 614.253.5

NLM WA 18.2

Catálogo elaborado pela bibliotecária Alana Santos de Souza - CRB 10/2738

Todos os direitos desta edição reservados à Associação Rede UNIDA
Rua São Manoel, nº 498 - CEP 90620-110, Porto Alegre – RS. Fone: (51) 3391-1252

www.redeunida.org.br



Autores:

Alcindo Antônio Ferla
Alisson Sampaio Lisboa
Andreia Lopes Ferreira de Lima
Camila Fontana Roman
Camila Tenório Ferreira
Carolina Araujo Londero
Carolina Veras Pessoa da Silva
Daniel da Silva Fernandes
Daniel Schneider Bastos
Débora Moura Passos
Elenise da Silva Coelho
Emille Sampaio Cordeiro
Jaqueline Miotto Guarneri
João Batista de Oliveira Junior
João Pedro Milani De Toni
Laila Talita da Conceição Costa
Ralfe Viana Costa
Virgínia de Menezes Portes

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	9
1.1 Objetivo	10
1.2 Como usar este documento.....	10
2. PROPOSTA DE ORGANIZAÇÃO	10
A) Organização das(os) viventes em núcleos de base.....	10
B) Instâncias	11
C) Núcleos de Base	12
D) Equipe de trabalho político-pedagógica (EPP).....	15
E) Equipe de Acompanhamento da Vivência (EAV)	16
F) Tempos educativos.....	17
G) O que é mística?	24
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS	25



1. APRESENTAÇÃO

Sejam todas as pessoas bem-vindas às Vivências e Estágios na Realidade do SUS (VER-SUS Brasil) e ao Programa Nacional de Vivências no Sistema Único de Saúde (Vivências no SUS), instituído através da publicação da Portaria GM/MS nº 6.098 de 16 de dezembro de 2024.

O VER-SUS Brasil e as Vivências no SUS são realizadas através do formato de imersão, na qual o grupo de participantes se reúne na localidade previamente definida e fica integralmente disponível às atividades teórico-práticas-reflexivo-vivenciais. O desenvolvimento das vivências apresenta como foco principal o estímulo das(os) viventes em defesa da Reforma Sanitária Brasileira e do fortalecimento do SUS, para a construção de uma sociedade equânime.

Este documento orientador nasce do acúmulo de experiências e aprendizados construídos ao longo de diferentes edições das Vivências no Sistema Único de Saúde (SUS), realizadas por estudantes, residentes, trabalhadoras(es), gestoras(es), docentes e integrantes de movimentos sociais populares em diversos territórios do país.

Mais do que um manual fechado ou prescritivo, esta é uma proposta aberta, construída a partir da prática, para inspirar, apoiar e fortalecer a atuação das(os) facilitadoras(es) e das comissões locais na condução das Vivências no SUS. Seu conteúdo parte de um referencial político-pedagógico coletivo, mas reconhece a potência da diversidade de realidades locais e a importância da autonomia de cada grupo envolvido.

Por isso, as sugestões aqui apresentadas devem ser entendidas como modelos flexíveis, que podem (e devem) ser adaptados conforme os contextos, as condições materiais, os tempos e os sujeitos envolvidos em cada vivência. A proposta é fomentar um processo educativo que una formação crítica, diálogo,

cuidado, criatividade e transformação social — sempre em defesa do SUS, da Reforma Sanitária e do direito à saúde como construção coletiva.

1.1 Objetivo

Apresentar referências metodológicas e organizativas para apoiar o planejamento, a realização e a avaliação das Vivências no SUS, oferecendo modelos adaptáveis que possam ser recriados por facilitadoras(es) e comissões locais, de forma crítica, autônoma e situada nas diversas realidades e territórios do Brasil.

1.2 Como usar este documento

Este documento orientador está organizado em seções temáticas que reúnem conteúdos essenciais para a realização das Vivências no SUS. Cada seção apresenta modelos organizativos, exemplos de dinâmicas, descrições de funções e papéis, bem como sugestões de planejamento e distribuição das atividades.

Nosso convite é que você utilize este material como uma base de apoio — um ponto de partida para organizar, adaptar e reinventar as vivências conforme a realidade do seu território, respeitando os princípios do programa e a diversidade dos sujeitos e contextos.

A seguir, apresentamos os principais eixos deste documento:

2. Proposta de organização

A) Organização das(os) viventes em núcleos de base

Organizar as(os) viventes em Núcleos de Base (NB) pode ser uma estratégia potente para fortalecer a participação ativa nas instâncias de gestão democrática das vivências no SUS. Ao adotar essa proposta, cria-se a possibilidade de vivenciar as atividades de forma mais direta, coletiva e integrada.

Os Núcleos de Base podem funcionar como espaços de formação compartilhada, nos quais as(os) participantes trocam experiências, debatem

desafios cotidianos e constroem, juntas(os), caminhos e soluções. Essa dinâmica favorece o cuidado com o grupo, o vínculo, a corresponsabilidade e a construção coletiva do processo formativo.

B) Instâncias

As Vivências no SUS podem ser organizadas a partir de instâncias de decisão coletivas, priorizando a participação da base por meio dos Núcleos e de outros espaços com funções complementares e bem definidas. Essa organização busca valorizar a construção compartilhada do processo formativo.

A proposta dessas instâncias parte do princípio de uma organicidade própria, em que há um fluxo contínuo de informações, decisões e ações entre os diferentes grupos. É justamente essa dinâmica cotidiana — viva, adaptável e coletiva — que sustenta o funcionamento das vivências e permite ajustes sempre que necessário.

Figura 1. Proposta de organograma das instâncias de uma vivência no SUS



Fonte: SGTES/MS

C) Núcleos de Base

Os NB podem ser adotados como a unidade fundamental de organização no Método Político-Pedagógico das Vivências no SUS. Eles representam a base concreta onde se constrói a coletividade e se desenvolve o processo educativo. Uma proposta possível é que sejam formados por grupos heterogêneos de viventes e facilitadoras(es), organizados para garantir a participação ativa de todas(os) as(os) participantes.

Cada NB pode funcionar como um espaço de convivência, formação e gestão compartilhada, no qual as(os) participantes assumem responsabilidades coletivas, compartilham experiências e refletem sobre suas práticas. A dinâmica dos núcleos favorece que as(os) viventes se reconheçam como agentes ativas(os) do processo de aprendizagem, desenvolvendo habilidades como a cooperação, a crítica e a autocrítica, além de fortalecerem seu compromisso com os valores e objetivos da coletividade.

Sugere-se que cada NB assuma a responsabilidade pela análise, decisão, planejamento, execução e avaliação das atividades desenvolvidas nas vivências, contribuindo para a organicidade e o bom funcionamento do processo educativo. Os núcleos também podem ser entendidos como espaços privilegiados de acompanhamento pedagógico, permitindo que as(os) facilitadoras(es) conheçam mais de perto cada vivente, identifiquem suas necessidades e contribuam para seu desenvolvimento.

É recomendável que as reuniões dos NBs aconteçam no início e no final do dia, com o intuito de planejar e avaliar tanto as tarefas cotidianas quanto as atividades formativas e as vivências. Também se sugere que cada NB seja composto por 1 a 2 facilitadoras(es) (respeitando-se a equidade de gênero) e de 5 a 10 viventes, o que favorece a criação de pequenos grupos com identidade e grupalidade fortalecidas. Nessas condições, é possível que as(os) viventes se sintam mais à vontade para se expressar e participar ativamente.

A coordenação dos NBs pode ser assumida pelas(os) próprias(os) viventes, com o apoio das(os) facilitadoras(es), como exercício de gestão compartilhada. Cada grupo pode eleger sua(seu) coordenadora(or), com possibilidade de rodízio ao longo da vivência. Essa(e) coordenadora(or) será responsável por organizar a pauta das reuniões, conduzi-las de forma democrática, manter interlocução com a EPP e participar das reuniões da EAV. Assim, ao coordenar o NB, a(o) vivente atua como ponte entre seu grupo e as demais instâncias, levando demandas, sugestões e reflexões, e retornando com decisões e orientações da EAV ao seu núcleo.

Exemplo de pauta de uma reunião de NB:

Reunião de NB da manhã (40 min):

- Repassar a reunião da EAV da noite anterior;
- Discutir o roteiro das vivências;
- Planejar as tarefas do dia;
- Organizar a formatura (conforme indicado no tópico de Tempos Educativos);
- O que vier.

Observação: nos dias de visita aos serviços e aos territórios vivos, é possível suprimir a reunião de NB prevista para o turno da manhã.

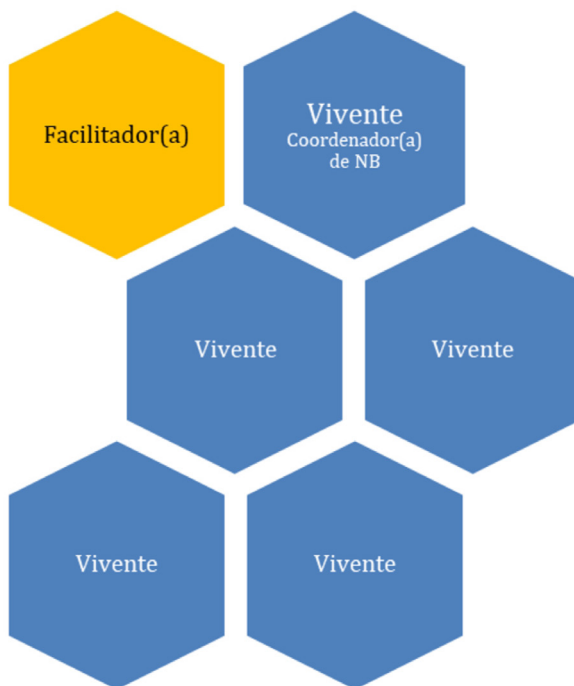
Reunião de NB da noite (40 min):

- Avaliação da vivência / formação;
- Avaliação do desenvolvimento das tarefas pelo NB;
- Definição das demandas que serão levadas à reunião da EAV;
- O que vier.

Sugere-se que, após a divisão das(os) viventes em NBs, no primeiro dia de vivência, cada núcleo adote uma identidade própria para reforçar a grupalidade e a mística das Vivências no SUS. Por exemplo, os NBs podem ser nomeados de modo a homenagear atrizes e atores que tiveram um papel importante na construção do SUS, na mudança das práticas de saúde, na luta pela democracia ou na constituição da identidade cultural brasileira.

São exemplos: NB “Sérgio Arouca”, NB “Cecília Donnangelo”, NB “Ivone Lara”, NB “Arthur Bispo do Rosário”, “NB Tuire Kayapó”, NB “Luiz Gonzaga” etc. Da mesma forma, os NBs podem homenagear aspectos territoriais brasileiros, da fauna, da flora, criar músicas, poemas, artes, estimulando a criatividade do núcleo de base. Essa identidade do NB poderá ser apresentada de forma lúdica durante o tempo de formatura.

Figura 2. Composição de um Núcleo de Base



Fonte: SGTES/MS

D) Equipe de trabalho político-pedagógica (EPP)

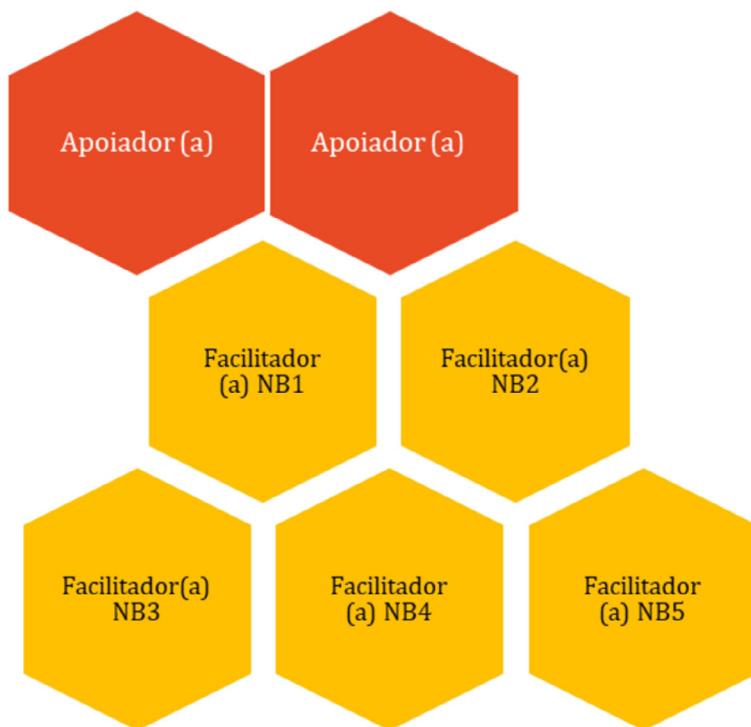
A equipe de trabalho político-pedagógica (EPP) pode ser composta por facilitadoras(es) e apoiadoras(es) da vivência no SUS, assumindo o papel de mediação do processo educativo e de organização da estrutura logística, a fim de garantir a aplicação do método político-pedagógico das Vivências no SUS.

É possível que a EPP se responsabilize pelo planejamento e coordenação das atividades diárias, que envolvem tanto os momentos de estudo e reflexão quanto às tarefas práticas necessárias à manutenção do espaço coletivo. Essa organização pode garantir o envolvimento equitativo e colaborativo de todas as pessoas participantes, incluindo as(os) próprias(os) facilitadoras(es) e apoiadoras(es), promovendo um ambiente de corresponsabilidade.

Também se sugere que a EPP fomente espaços de avaliação e diálogo, como plenárias e grupos de discussão, em que viventes possam compartilhar suas experiências, dúvidas e propostas. Para manter o acompanhamento contínuo do processo, recomenda-se que a EPP realize reuniões diárias, nas quais sejam discutidos os desafios e possibilidades relacionados à metodologia, à logística e ao acompanhamento pedagógico. É nesse momento que ocorre o repasse da reunião da Equipe de Acompanhamento da Vivência (EAV), feito pelas(os) apoiadoras(es) às(aos) facilitadoras(es).

Como forma de estimular a participação ativa e o exercício coletivo da condução, pode ser interessante que cada dia da vivência seja coordenado por uma dupla diferente de facilitadoras(es), respeitando um rodízio entre as(os) integrantes da EPP. A escolha dessa dupla pode considerar afinidades ou aproximações com os temas centrais trabalhados em cada dia.

Figura 3. Proposta de composição da Equipe de trabalho Político-Pedagógica (EPP)



Fonte: SGTES/MS

E) Equipe de Acompanhamento da Vivência (EAV)

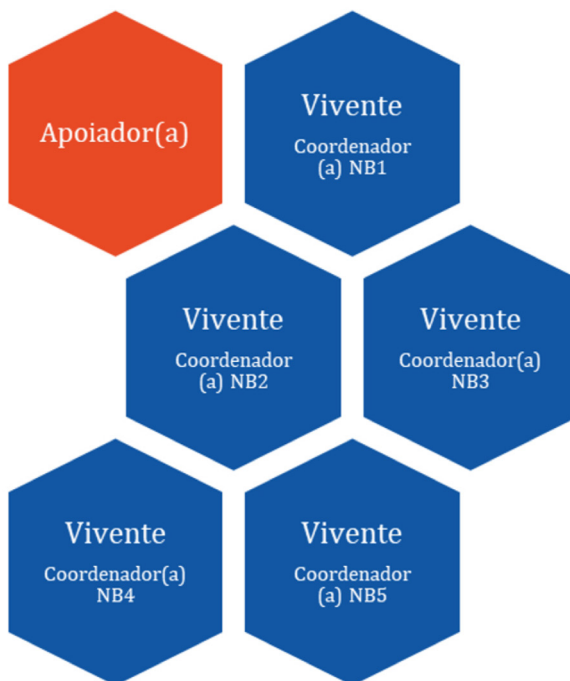
A Equipe de Acompanhamento da Vivência (EAV) pode ser constituída pelas(os) viventes coordenadoras(es) de cada Núcleo de Base (NB), compondo uma instância de gestão coletiva e diálogo entre os grupos.

Sugere-se que a(o) vivente representante de cada NB seja escolhida(o) pelo próprio grupo, com o compromisso de levar à EAV as demandas, sugestões e reflexões do seu núcleo, assim como de repassar ao NB as decisões e orientações construídas nesse espaço coletivo.

Para garantir o fluxo contínuo de comunicação entre os núcleos e a coordenação geral, recomenda-se que as reuniões da EAV aconteçam ao menos

uma vez ao dia, preferencialmente após as reuniões noturnas dos NBs, fortalecendo o exercício da gestão compartilhada e o cuidado com o processo formativo.

Figura 4. Composição da Equipe de Acompanhamento da Vivência (EAV)



Fonte: SGTES/MS

F) Tempos educativos

Os tempos educativos são uma ferramenta pedagógica que organiza a rotina e as atividades durante o processo educativo das Vivências no SUS. Esses tempos são planejados para garantir que os princípios organizativos do método político-pedagógico das Vivências no SUS sejam vivenciados de forma prática e integrada. A introdução de tempos educativos definidos cronologicamente cria um impacto cultural, ajudando as/os participantes a se organizarem e a entenderem a importância do tempo coletivo, em que o trabalho de uma pessoa afeta as demais.

Para cada um dos tempos educativos assumidos deve haver a definição da sua finalidade, do seu jeito de fazer (metodologia) e do seu conteúdo (o que será nele tratado ou desenvolvido), levando em conta o conjunto do projeto educativo em andamento.

A seguir, constam alguns exemplos de tempos educativos a serem considerados nas Vivências no SUS. Alguns dos tempos não precisam ser realizados diariamente, assim como outros podem ser suprimidos, acrescentados ou fundidos para evitar que os tempos fiquem muito fragmentados.

Quadro 1. Exemplos de tempos educativos e atividades sugeridas para as Vivências no SUS

Tempo educativo e atividades	Conteúdo	Tempo diário
Alvorada	Momento matinal de despertar coletivo entre as/os participantes da vivência, seguido de preparo individual para o dia.	30 min
Refeição	Realização do café da manhã, almoço e jantar.	60 min cada
Animação e disciplina	Atividade lúdica de mobilização e animação, geralmente realizada com música, responsável por garantir a participação e a disciplina dos participantes para o cumprimento dos horários estabelecidos para as atividades do dia.	-
Núcleo de base (NB)	Reuniões entre as/os viventes e as(/os) facilitadoras(es) de um mesmo núcleo de base para planejar, avaliar tarefas, refletir sobre práticas e fortalecer a coletividade, promovendo formação e gestão democrática.	40 min-1h20 (podendo ser dividido entre cada reunião)
Equipe de Acompanhamento da Vivência (EAV)	Reunião de acompanhamento das vivências, composta pelas(os) viventes coordenadoras(es) de NB e pelas apoiadoras(es). Tem por objetivo promover diálogos, reflexões, alinhamento e planejamento diante de desafios e possibilidades surgidos no centro de formação e nas vivências, de modo a promover a gestão compartilhada da vivência no SUS.	30 min
Equipe de trabalho político-pedagógica (EPP)	Reunião composta por facilitadoras(es) e apoiadoras(es), objetivando identificar desafios e possibilidades relativas à metodologia da vivência, à estrutura logística e ao acompanhamento pedagógico das(os) viventes.	30 min

Formatura	Momento em plenária, com todas(os) as/os participantes das vivências, para: 1. Apresentar as/os facilitadoras(es) responsáveis pela condução do dia; 2. Apresentar as/os viventes coordenadoras(es) do dia; 3. Motivar as atividades do dia; 4. Constatar a presença de todas(os) as/os integrantes da coletividade, através da conferência dos núcleos de base; 5. Cultivar a identidade dos NBs; 6. Dar informes e comunicar situações e desafios fundamentais para a vida da coletividade para aquele dia; 7. Ter um momento de cultivo da mística da coletividade.	20 min
Formação	Momento em plenária, com todas(os) as(os) facilitadores(as) e viventes, para estudo de temas e conteúdos previstos na programação da vivência no SUS em dias que porventura não haja vivência em serviços do SUS ou territórios vivos. Esse momento pode ser auxiliado por uma pessoa componente da equipe de trabalho político-pedagógica (EPP) ou por uma pessoa convidada, preferencialmente de forma dialogada e partindo das experiências e conhecimentos prévios das(os) participantes. Reforça-se que esse momento acontece apenas nos dias em que não há vivência nos serviços de saúde ou nos territórios vivos.	3-6h (um a dois turnos)
Visitas	Momento de vivência nos serviços de saúde ou nos territórios vivos. A sua duração pode variar, dependendo do tempo de deslocamento entre o centro de formação e os locais de vivência.	4h-5h30
Socialização da vivência	Momento de aprendizagem significativa, em plenária ou em grupos de discussão, para socialização das vivências realizadas no dia, com o objetivo de discutir sobre um determinado tema. Esse momento pode ser auxiliado por uma pessoa componente da equipe de trabalho político-pedagógica (EPP) ou por uma pessoa convidada, de forma dialógica e significativa.	2h30-3h15
Trabalho	Realização das tarefas necessárias para o bom funcionamento do espaço pedagógico da vivência. Todas(os) as/os participantes das vivências estão envolvidas(os) em tarefas, a serem definidas em forma de escala diária por núcleo de base.	30-45 min
Leitura	Leitura individual do caderno de textos da(/o) vivente ou de textos de escolha pessoal. Se necessário, pode ser realizado coletivamente.	20 min

Registro	Momento de elaboração do diário de campo por cada vivente, facilitador(a) e apoiador(a) para reflexão sobre o andamento do processo educativo. Os registros podem ser feitos em formato de texto, áudio, vídeo, imagens, poesias, dentre outros formatos.	30-40 min
Cultural	Momento destinado à confraternização, à socialização, à reflexão sobre expressões culturais diversas e à valorização da cultura das pessoas envolvidas no processo educativo e de resgate da cultura popular, bem como momento significativo de celebração.	2h-4h ao longo de toda a vivência
Atividade física	Momento para a educação corporal por meio de exercícios físicos diversificados: alongamento; caminhada (ou corrida); respiração; relaxamento; e, sempre que possível, de exercícios que visam uma ação conjunta / coordenada.	30 min diários ou 150 min semanais
Mística	É o momento de celebração dos sentimentos e dos valores fundamentais do processo que está sendo vivenciado, como a alegria, o compromisso, a esperança, a solidariedade. Na Mística pode-se homenagear pessoas, recuperar processos históricos de lutas vividos pelo povo, geralmente relacionados aos objetivos de discussão do dia.	15 - 20 min

Fonte: SGTES/MS

A coletividade precisa também combinar um horário para garantir a execução de todos os tempos educativos, ajustando-os diariamente. A construção deste acordo permite que as/os participantes possam gerir o tempo do processo educativo a partir de seus objetivos coletivos e interesses pessoais, estabelecendo prioridades e assumindo compromissos (tarefas e metas) com responsabilidade. Os Quadros 2 e 3 exemplificam a programação, com seus tempos educativos, de um dia de vivência no SUS.

Quadro 2. Exemplo de programação de um dia com formação preparatória, sem vivência nos serviços do SUS ou nos territórios vivos

Horário	Programação
6h30-7h	Alvorada
7h-8h	Café da manhã
8h- 8h30	Tarefa do dia do NB
8h30-9h10	Reunião de NB
9h10-9h30	Tempo Leitura
9h30-9h50	Tempo Formatura
9h50-11h05	Formação: Análise de conjuntura da saúde
11h05-11h15	Intervalo
11h15-12h30	Formação: Análise de conjuntura da saúde
12h30-13h30	Almoço
13h30-14h	Tarefa do dia do NB
14h-14h30	Livre
14h30-15h45	Formação: A Reforma Sanitária e o SUS
15h45-16h	Intervalo
16h-17h15	Formação: A Reforma Sanitária e o SUS
17h15-18h	Registro
18h-19h	Jantar
19h-19h30	Tarefa do dia do NB
19h30-20h	Livre
20h-20h40	Reunião de NB
20h40-21h10	Reunião da EAV
21h10-21h40	Reunião da EPP
23h-06h30	Silêncio

Fonte: SGTES/MS

Quadro 3. Exemplo de programação de um dia com vivência em serviços de Atenção Primária à Saúde (APS)

Horário	Programação
5h30-6h	Alvorada
6h-7h	Café da manhã
7h-7h30	Tarefa do dia do NB
7h30-7h50	Tempo Formatura
7h50-8h50	Ida aos locais de vivência
9h-12h	Vivência nas UBS
12h-13h	Retorno dos locais de vivência
13h-14h	Almoço
14h-14h30	Tarefa do dia do NB
14h30-15h	Livre
15h-16h	Socialização da vivência sobre APS
16h-16h15	Intervalo
16h15-18h	Socialização da vivência sobre APS
18h-18h30	Jantar
18h30-19h	Tarefa do dia do NB
19h-19h30	Livre
19h30-20h10	Reunião de NB
20h10-20h40	Registro
20h40-21h10	Reunião da EAV
21h10-21h40	Reunião da EPP

Fonte: SGTES/MS

Nos exemplos presentes nos quadros 2 e 3 foram estabelecidos três tempos de trabalho. No entanto, o exercício desses momentos pode variar de acordo com a escala do NB para o dia, conforme exemplo presente no Quadro 4, geralmente utilizando de um a dois desses tempos num dia, facultando a utilização do terceiro tempo para trabalho ou para descanso.

As tarefas diárias são de responsabilidade dos NBs [viventes e facilitadoras(es)], realizadas durante o tempo trabalho, planejadas e avaliadas

nas reuniões de NB. As tarefas são inicialmente distribuídas entre os NBs pela EPP, sob forma de escala (conforme exemplo do Quadro 4), podendo ser repensadas, a depender da necessidade indicada pelas(os) participantes das Vivências no SUS no âmbito da EAV e da EPP.

Quadro 4. Exemplo de escala de tarefas entre os núcleos de base

TAREFA	DIA 1	DIA 2	DIA 3	DIA 4	DIA 5	DIA 6	DIA 7
Alvorada + lavar as panelas do almoço	NB 1	NB 7	NB 6	NB 5	NB 4	NB 3	NB 2
Lavar as panelas do café da manhã + limpeza da cozinha	NB 2	NB 1	NB 7	NB 6	NB 5	NB 4	NB 3
Lavar as panelas do jantar + limpeza da cozinha	NB 3	NB 2	NB 1	NB 7	NB 6	NB 5	NB 4
Limpar banheiros	NB 4	NB 3	NB 2	NB 1	NB 7	NB 6	NB 5
Animação + limpeza do refeitório no almoço	NB 5	NB 4	NB 3	NB 2	NB 1	NB 7	NB 6
Limpeza do refeitório no café da manhã e no jantar	NB 6	NB 5	NB 4	NB 3	NB 2	NB 1	NB 7
Mística e ornamentação da plenária	NB 7	NB 6	NB 5	NB 4	NB 3	NB 2	NB 1

Fonte: SGTES/MS

É importante ressaltar que os quadros sugeridos nesse tópico são sínteses de experiências prévias de um conjunto de trabalhadoras(es) da saúde, acumuladas na participação em vivências nos SUS, ocorridas nas últimas décadas. Esta síntese objetiva contribuir com a formação das(os) facilitadoras(es), pretendendo orientar a distribuição dos tempos educativos

e atividades previstas nas vivências, e não sendo dogmático e fechado, proporciona a autonomia e a criatividade da EPP no processo.

G) O que é mística?

A palavra mística é a representação de “mistério”, geralmente utilizada para designar coisas inexplicáveis ou indecifráveis. Há diferentes formas de ver e de explicar a vivência da mística: o sentido religioso; o sentido das ciências políticas; o sentido filosófico e da valorização cultural. Nesta, a mística é a própria existência, nasce da vida, das formas de trabalhar, de se organizar, de conviver, de lutar. Os movimentos sociais populares resgataram este sentido da mística e o utilizaram na prática política.

A mística é uma atividade desenvolvida por alguns movimentos sociais populares, considerada de importante contribuição para a transformação da realidade. As pessoas que se envolvem em sua preparação querem expressar, por meio de uma mensagem, as razões pelas quais lutam, criando, de forma imaginária, o mundo que querem alcançar, para que as pessoas presentes vejam e se animem a ajudar aquela ideia, aquele sonho.

Pode-se celebrar a mística mediante estratégias como de poesia, teatro, expressões corporais, palavras de ordem, música, canto, símbolos dos movimentos sociais populares, ferramentas de trabalho, do resgate da memória das lutas e de grandes lutadores e lutadoras da humanidade. Vira celebração e envolvimento de todas as pessoas presentes em um mesmo movimento, a vivenciar os mesmos sentimentos, a se sentir integrantes de uma identidade coletiva de lutadores e lutadoras do povo que vai além delas e deles mesmos.

A mística se concretiza principalmente através da postura pessoal e da vivência de valores de forma coerente com as convicções individuais. Isso se manifesta em atitudes como o amor pelo povo, a solidariedade, a humildade, a superação, o companheirismo e a pedagogia do exemplo. Além disso, o ambiente e a simbologia, como luz, cores e beleza, também desempenham um papel importante, assim como a celebração coletiva, que deve envolver as pessoas de

forma integral, com participação ativa e emocional. A celebração da mística deve ser criativa, breve, solene e bem-preparada, evitando exageros ou performismos, e pode incluir símbolos, gestos, expressões culturais e testemunhos pessoais.

Por outro lado, é importante evitar certas atitudes que podem distorcer o sentido da mística. Não se deve reduzir a mística a uma mera motivação ou emoção passageira, nem a tratar como tarefa exclusiva de especialistas, pois todas(os) devem participar e se envolver. Também é crucial não confundir a mística com competições ou comparações, como achar que uma celebração foi melhor que outra. Além disso, é necessário evitar que a mística seja anunciada antes de sua realização, bem como a repetição de fórmulas que funcionaram em outros contextos, pois isso pode tornar a mística cansativa e desconectada da realidade local. Por fim, embora a preparação seja importante, ela não deve se transformar em um tormento para as pessoas, mantendo-se sempre um equilíbrio entre planejamento e espontaneidade.

A mística é mais do que um tempo, é uma energia que perpassa o cotidiano. Por isso, precisamos dela presente no início de grandes atividades e resgatada em vários momentos do dia. Ela é a forma de já ir concretizando, no aqui e agora, a nossa utopia.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este documento não se encerra em si. Pelo contrário, ele se mantém em constante construção com cada vivência realizada, com cada território atravessado, com cada grupo que o reinventa.

Mais do que um conjunto de orientações, esta é uma proposta aberta, que deseja inspirar práticas formativas comprometidas com o SUS, com a equidade e com a transformação social. As sugestões aqui apresentadas devem ser lidas com liberdade e criatividade, como sementes que florescem conforme o solo onde caem.

Que os caminhos trilhados por facilitadoras(es), comissões locais e viventes sigam sendo férteis, afetivos e potentes — sempre em defesa da vida e do SUS.

editora



redeunida



ISBN 978-65-5462-200-4



9 786554 622004

SGTES

Secretaria de
Gestão do Trabalho
e da Educação na Saúde



OPAS



MINISTÉRIO DA
SAÚDE

